

O conceito de cultura é tratado por vários autores de maneiras diferentes e, com a compreensão de sua amplitude, em áreas nas quais é objeto de estudo: sociologia, antropologia, educação ou história, por exemplo. Dentre os muitos autores, podemos citar o conceito de Edward Burnett<sup>1</sup>, considerado pela sociologia o precursor do conceito moderno de Cultura como: “o conjunto de práticas sociais de um determinado grupo que seguem um padrão no tempo e no espaço”. Esse autor determina, também, que há uma base funcional comum, fundada sobre o desenvolvimento da sociedade e da religião. Apesar de ser um conceito considerado antigo, foi um marco, o começo de uma nova compreensão acerca da cultura e conseqüentemente, da organização social. Por esse motivo, nos ajuda a compreender como o conceito foi tornando-se mais complexo, conforme as mudanças no modelo de sociedade foram acontecendo.

### ***Sétima parada: conceito de cultura e interfaces com a tecnologia.***

Geertz confirma a existência de duas faces da cultura, como visto em Burnett, mas de outra forma. Para Geertz o saber de uma cultura tem duas dimensões, porque uma delas é local, produzida no interior do próprio grupo e a outra é a que nos determina como espécie humana. Ou seja, indica a existência de pontos comuns em todas as culturas presentes no mundo, por mais diversas que sejam.

(...) quero propor duas ideias. A primeira delas é que a cultura é mais bem vista não como um complexo de padrões concretos de comportamento - costumes, usos, tradições, feixes de hábitos - como tem sido o caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle - planos, receitas, regras, instruções (o que os engenheiros de computação chamam “programas”) - para governar o comportamento. A segunda ideia é que o homem é precisamente o animal mais desesperadamente dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento.<sup>2</sup>

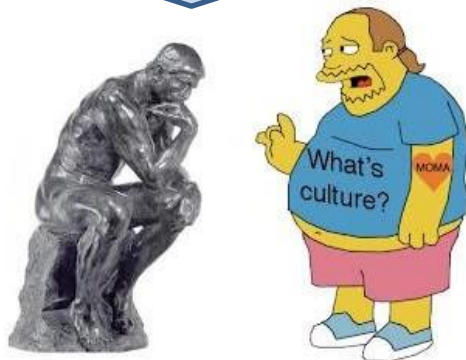
---

<sup>1</sup> BURNETT, 1837.

<sup>2</sup> GEERTZ, 1978. P. 75

"Cultura é um sistema simbólico, característica fundamental e comum da humanidade de atribuir, de forma sistemática, racional e estruturada, significados e sentidos às coisas do mundo"  
(Geertz, 1973)

*Falando de Cultura...*



Essa linha de raciocínio sustenta a proposição que virá a seguir sobre a questão da língua, como idioma ou dialeto, registo de comunicação de um determinado grupo, como elemento essencial de compreensão de uma cultura, porque falaremos justamente desse caráter de unidade na diversidade.

Nesta aula, o conceito que utilizaremos está no próprio Castells, para construir uma linha em conformidade com as proposições acerca da compreensão de cultura no modelo de sociedade que estamos considerando:

por cultura entendo um conjunto de valores e crenças que formam o comportamento; padrões repetitivos de comportamento que geram costumes que são repetidos por instituições, bem como por organizações sociais informais. Cultura é diferente de ideologia ou representações individuais. Embora explícita, a cultura é uma construção coletiva que transcende diferenças individuais, ao mesmo tempo em que influenciam as práticas das pessoas no seu âmbito, neste caso os produtores/usuários de internet.<sup>3</sup>

Para o autor, a cultura configura-se, portanto, como um conjunto de práticas sociais que varia de acordo com as características e o contexto de cada grupo. Encontramos ainda, em Stuart Hall<sup>4</sup>, uma definição mais ampla que considera a cultura um conjunto de valores ou significados partilhados por um determinado grupo social.

<sup>3</sup> CASTELLS, 2003. P. 34

<sup>4</sup> HALL, 2003.

A cultura não é apenas um conjunto de práticas, hábitos e padrões, mas também um conjunto de representações sociais, compartilhadas pelo grupo.

O autor apresenta a ideia de “identidade cultural moderna” como uma identidade que é formada através do pertencimento a uma cultura “*nacional*” ou *local*, como afirma Geertz e nos indica que os processos de mudança compreendidos no conceito de globalização estão mudando isso, de forma rápida. Assistimos a um processo que pode estar gerando o que o autor chama de um *deslocamento* de identidades culturais, indicando que, em função do processo de globalização e da formação de uma sociedade em rede, conectada globalmente pela rede mundial de computadores, acaba sofrendo um apagamento de fronteiras geográficas para além das relações tradicionais de espaço e de tempo.

Assistimos vídeos de danças, cantos e registros diversos de uma determinada cultura e, imediatamente depois o vídeo “viraliza” na internet e alcança milhares ou milhões de visualização em horas. Este movimento, nos mostra que as proposições feitas pelos autores há duas décadas não apenas se tornaram realidade, mas se ampliaram, foram potencializadas pelos recursos que permitem maior velocidade e visibilidade. Neste caso, podemos afirmar que as diferentes culturas estão presentes na rede e que as fronteiras entre as diferentes culturas se tornaram mais flexíveis. Talvez possamos dizer que este movimento tem, como lado positivo, a maior visibilidade para grupos e manifestações culturais que não seriam conhecidas, caso não existisse a conexão em rede.

Um dos principais elementos que caracterizam a cultura de um determinado grupo social é a língua ou as formas de linguagem que o grupo utiliza para se comunicar, para interagir e para transmitir suas tradições. Sabemos que admitir a existência de diferentes culturas significa aceitar conviver com a diversidade de registros e formas de uso da língua e suas variações. As variações no uso da língua ganham uma identidade de acordo com a dinâmica de funcionamento e a identidade de cada grupo social. Nem por isso podemos ou devemos falar de uso da língua enquanto uma homogeneidade, mas sim como elemento de unidade.

O que podemos pensar é na questão da língua como elemento que congrega diversidade e unidade.

Ainda nas cavernas, o homem primitivo conseguiu desenvolver formas de linguagem e de expressão que deixaram suas histórias para os que viessem depois. Dessa maneira, ele perpetuava também suas tradições, suas regras e a herança de seu grupo para ser reproduzida. Depois disso, assistimos à evolução dos recursos de escrita, desde a escrita rupestre até a invenção do papel. Na medida em que esses recursos se desenvolveram, observamos a ampliação das possibilidades do homem não apenas perpetuar, mas difundir suas ideias e tradições, por diferentes territórios<sup>5</sup>.

A sociedade enfrenta as mudanças, de maneira geral, com resistência, medo ou espanto, este movimento de resistência acontece em todas as épocas, aconteceu no surgimento da escrita, quando no antigo Egito disseminavam o mito de que a escrita acabaria com a memória e, conseqüentemente com a tradição da transmissão oral, o que nunca aconteceu sabemos que não seria diferente no tempo da tecnologia digital

Depois da transformação profunda na dinâmica da sociedade causada pela escrita, podemos destacar como outro momento marcante de produção de tecnologia e sua relação com a sociedade o advento do tipógrafo. Inventado por Gutenberg potencializava de maneira nunca antes pensada a difusão e a circulação das informações não apenas por um grupo social, mas com o alcance de infinitas possibilidades. Sobre essa difusão da máquina impressora, Castells evoca McLuhan e chama esse momento da história em que a disseminação da informação ganha velocidade, de “galáxia Gutenberg”. Tal evento transformou como a escrita, mas em diferente proporção transformou também as relações sociais e causou mudanças em todas as esferas da atividade humana.

Ou seja, podemos observar que todas as grandes transformações da dinâmica de organização da sociedade passaram pelos avanços tecnológicos, mas principalmente pelos avanços que envolviam novas formas de linguagem e comunicação entre os homens.

Na aula 8 vamos tratar pontualmente das relações entre pensamento, linguagem e tecnologia, de maneira mais pontual e com sustentação nas proposições de Vigotsky.